

O meu boi fugiu com as linhas de arte: o teatro de revista e as crônicas em São João del-Rei¹

Cláudio José Guilarduci

Professor do Programa de mestrado em Letras-PROMEL e do curso de Teatro da UFSJ. Doutorado em Teatro.

guilarduci@ufs.edu.br

Resumo

Neste artigo, tem-se por objetivo analisar a peça de teatro de revista *O meu boi fugiu*, dos autores Dr. Ribeiro da Silva e Oscar Gambôa, escrita e encenada na cidade de São João del-Rei, no ano de 1918, e as informações jornalísticas publicadas sobre a peça nos jornais locais *A Nota* e *Reforma*. O entendimento do enredo da peça – do texto original existe apenas o papel do personagem Vênus – será realizado a partir da colagem de dispersos elementos, ou seja, neste artigo, pretende-se, na realidade, passar em revista *O meu boi fugiu*. Em relação aos jornais, a análise estará centrada na polêmica crítica teatral publicada no jornal *Reforma* e nas respostas publicadas no *A Nota*. Para isso, tentaremos elucidar, primeiramente, os gêneros jornalísticos, crônicas e crítica.

Palavras-Chave: São João del-Rei, teatro de revista, *O meu boi fugiu*, crônica teatral

¹ Este artigo, revisado e atualizado, foi publicado no periódico “Tópicos de Linguagem” (Ano I, n. 1, maio de 2006, p. 77-104, ISSN 1809-6484), revista de estudos de linguística e literatura da Universidade Presidente Antônio Carlos-UNIPAC. Essa revista deixou de circular após lançamento do segundo número.

1 Introdução

Em São João del-Rei, no período de 1915 a 1918, de acordo com os arquivos da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida e do Museu Regional, circulavam na cidade os jornais *Ação Social*², com circulação aos domingos, sendo o redator o Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho; *A Tribuna*³, também com circulação dominical, tendo como um dos responsáveis Tancredo Braga⁴; *A Nota*⁵, diário vespertino, cujo redator-chefe foi Gonçalo Amarante da Silva; *Reforma*⁶, jornal dominical sob a direção e responsabilidade do Dr. Francisco Mourão⁷. Já nos arquivos Antônio Guerra e Club Teatral Arthur Azevedo, pertencentes à Universidade Federal de São João del-Rey (UFSJ), encontramos exemplares do jornal *Theatro*⁸, órgão oficial do Club Dramático Arthur Azevedo.

De acordo com Guerra ([19-?]), Viegas (1953) e Cintra (1982), podemos encontrar, no mesmo período, os jornais *A Farpa*, *Gazeta Mineira*, *Arauto de Minas*, *O Repórter*, *O Zuavo*, *Correio*, *A Tribuna* e *O Diário do Comércio*. A diferença entre os jornais listados por esses autores e os encontrados nos arquivos pesquisados pode ser devido à curta duração de determinados jornais que não conseguiram sobreviver por muito tempo, causando distorções de informações. Mesmo não tendo acesso a todos os jornais citados, podemos aferir que a circulação de noticiosos, no período analisado, em São João del-Rei, com uma população aproximada de 42.000 residentes⁹, era grande

² De acordo com Cintra (1982), o primeiro número do *Ação Social* circulou no dia 7 de março de 1915.

³ O seu primeiro número circulou em 26 de julho de 1914. É considerado o primeiro jornal ilustrado da cidade (CINTRA, 1982).

⁴ Conforme o livro *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei – 1717 a 1967* ([19-?], p. 10), de Antônio Guerra, Tancredo Braga foi autor das peças *Urucubaca* em São João (1915), revista em um ato; *Terra ideal* (1915), revista em três atos e das comédias em um ato: “*Nas asas do amor* (1915) e *A mina de Tiradentes* (1916).

⁵ Este jornal circulou de 4 de maio de 1917 a 9 de abril de 1918 (CINTRA, 1982).

⁶ Em 6 de abril de 1913, “sob a direção do Dr. Mourão Sênior, circula a *Reforma*, que cessou a sua publicação em 1920.” (CINTRA, 1982, p. 161).

⁷ Autor da peça *A Morgadinha dos canaviais* (1881), drama em sete quadros.

⁸ O *Theatro* iniciou sua circulação em 28 de agosto de 1915 e o Dr. José Viegas foi o redator-chefe. O Dr. José Viegas escreveu a peça *São João del-Rei* (1934), revista em três atos e “foi Presidente do Conselho Deliberativo do ‘Arthur Azevedo’ [...] tendo exercido o cargo de Presidente-efetivo de 1922 a 34 – 1941 e 1945/46” (GUERRA, [19-?], p. 190).

⁹ De acordo com Brasil (2005), a cidade de São João del-Rei contava com os seguintes números de residentes: no ano de 1872 havia um total de 7.670 pessoas; em 1890, tinha-se 48.722 pessoas, e em 1920 foram contabilizados 42.350 residentes. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 13.

e, inclusive, contava com um jornal diário. Para simples estimativa¹⁰, pontuamos que, se cada jornal era lido por aproximadamente três pessoas e a tiragem de cada periódico era de 200 jornais impressos em diferentes tipografias, a leitura dos jornais era feita por, aproximadamente, 4.800 residentes. Ao levarmos em consideração que do total de residentes somente a metade vivia em área urbana, a leitura dos periódicos era feita, portanto, por aproximadamente 11% dos residentes da cidade.

O jornal *A Nota*, diário vespertino, é o único que tem um formato menor em relação aos outros – com uma superfície impressa de 2.064,48cm/col., com quatro páginas e quatro colunas cada –, talvez pela própria periodicidade de sua circulação. Já os outros jornais contavam, aproximadamente, com uma superfície impressa de 5.642cm/col., com quatro páginas e seis colunas cada de 5,2cm de largura.

A convivência entre os periódicos nem sempre foi amigável. É comum observarmos numerosas matérias com críticas políticas, econômicas e até mesmo ideológicas entre eles. Entre as inúmeras contestações e rixas entre os jornais são-joanenses, analisaremos neste artigo apenas o episódio ocorrido entre os jornais *A Nota* e *Reforma*, no ano de 1918, após a publicação de uma crítica feita à revista local *O meu boi fugiu*.

2 O gênero crônica no jornal

De acordo com a história da imprensa brasileira na obra de Juarez Bahia (1990), o período de nossa análise compreende um tipo de jornalismo feito a partir das ideias europeias, ou seja, centrado muito mais na opinião e na literatura do que na objetividade, neutralidade e dinamismo. Essa mudança ocorreu, principalmente, nos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo, somente a partir do final da década de 1920.

O interior do País permaneceu por um longo tempo com

¹⁰ Não existem dados sobre a circulação média dos jornais no período estudado. No ano de 2009, o Brasil possuía uma circulação média/população adulta – cópias por mil habitantes – de 53,5 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2005). Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/leitura-de-jornais-no-mundo>>. Acesso em: 20 jun. 13.

jornais contendo informações generalistas sobre as grandes cidades, com notícias dos poderes Executivo e Legislativo – locais, estaduais e federais –, compilando, às vezes, notícias veiculadas nos jornais que circulavam nas metrópoles. Nesses jornais, com tipografia artesanal, encontrava-se um grande número de matérias comprometido com as forças políticas e econômicas locais, fato ainda presente em um bom número de municípios do interior. Nas cidades pequenas, semelhantemente à fase histórica em discussão, inúmeros jornais ainda hoje permanecem vinculados a determinadas famílias ou pessoas com poderes de mando e que detêm, na maioria das vezes, os meios de comunicação. Ou seja, os jornais permanecem sob o comando familiar, existindo, muito raramente, o jornal-empresa.

No entanto, independentemente do período histórico, podemos definir a crítica jornalística, assim como a crônica, como um gênero híbrido, numa mistura entre a literatura, com seus aspectos estéticos, e o jornalismo, com os seus mais caros elementos de construção: a objetividade e a neutralidade. A relação entre jornalismo e literatura, com seus momentos históricos de aproximação e de distanciamento, possibilitou a criação de novas formas narrativas da realidade e do mundo da ficção. Até o jornalismo encontrar o seu próprio caminho, com seus profissionais, esteve atrelado à literatura. Por isso é comum observarmos que “as próprias figuras de jornalista (principalmente o de opinião) e de escritor se (con)fundiam num único indivíduo.” (MIRANDA, 2004, p. 4).

O século XIX é marcado pela visão do jornalismo que deixa de ser informativo para ser formativo. A figura do jornalista como condutor das massas ao caminho da verdade criava o crítico como defensor de ideias que, transformando-se em estéticas, passava a mudar o homem da natureza e descobrir sua relação com a sociedade. (RIBEIRO, 2004, p. 1)

Para Flora Sussekind (1993), nas duas primeiras décadas do século XX, a falta de um “projeto estético definido” para o teatro alimentou uma crítica que não buscava a transformação da cena teatral. Era, geralmente, construída a partir de elogios personalistas, reafirmando as atuações dos atores e seus textos

apresentavam um “Brasil-nação” (p. 74). Nesse período, temos uma mistura de funções entre jornalistas e homens de teatro que ocupavam concomitantemente esses dois diferentes espaços. A título de exemplo, podemos citar Arthur Azevedo, que exerceu a função de crítico por mais de 20 anos escrevendo em inúmeros jornais e revistas (SUSSEKIND, 1993).

No seu ensaio bibliográfico, editado em 1937, pela Academia Brasileira de Letras, Roberto Seidj, [...] diz com muita razão que é difícil fazer-se a enumeração exata dos jornais e revistas em que Arthur Azevedo ganhou o pão de cada dia, em prosa e verso [...] porque de tôda parte lhe chegavam solicitações a que atendia sempre com a maior presteza, fôsse o jornal importante e rico, fôsse uma fôlha secundária em que corresse o risco de um calote. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1962, p. 25)

Em São João del-Rei, não era diferente: atores e autores de peças teatrais colaboravam com os jornais locais. Além disso, podemos observar que no período pesquisado temos dois autores de peças teatrais que eram responsáveis por jornais locais¹¹.

O nosso companheiro Tancredo Braga já entregou ao Club União Popular a revista local em 3 actos **TERRA IDEAL**, que será levada a scena brevemente por esse Club dramático. A revista não contem inconveniencia de linguagem nem offensa a pessoa alguma. É uma crítica leve e criteriosa. São ventilados os principaes factos da terra, sem uma palavra de offensa. A revista tem 30 números de musica organizados pelo maestro Felipe Duarte do Theatro Recreio do Rio. Muitos números são tirados de revistas cariocas. (A TRIBUNA, 1915, p. 2)

Neste momento, ficaremos apenas com a leitura e análise de uma crônica-crítica veiculada no jornal *Reforma* e as respostas publicadas no *A Nota* e poderemos verificar que, inúmeras vezes, as informações jornalísticas são construídas a partir de um jogo: o ato de narrar se sobrepõe ao próprio evento narrado, cabendo ao leitor, nessa polifônica e multiperspectivada narração, refletir sobre o amplo material disponível que ele encontra nesses textos.

Todos sabemos que a crônica lida com os fatos cotidianos, dos mais importantes (como atos de governos, mudanças na esfera pública, atentados e

¹¹ Ver notas 4 e 7.

guerras) aos mais comezinhos (brigas de rua, vozeiradas na feira, dias de sol etc.) Também sabemos que a fidedignidade aos acontecimentos não é norma, pois, frequentemente, o relato de casos acontecidos vem permeado com alusões, reminiscências e invencionices. (CORDEIRO, 2004, p. 1)

3 Um relato possível do acontecido: a peça *O meu boi fugiu*

Nos arquivos “Antônio Guerra” e “Club Teatral Arthur Azevedo” temos, em relação à peça *O meu boi fugiu*¹², dos autores Oscar Gambôa e Dr. Ribeiro da Silva¹³, apenas um texto com os papéis Vênus e Bélgica confiados à “[...] distinta amadora Senhorita D^a Margarida [Pimentel]” (SILVA; GAMBÔA, 1918, n.p.). Nesse texto, na parte de Vênus (terceira cena do Prólogo), como era comum nessa época, temos somente a última palavra da fala do personagem que contracenava. No caso em questão, parece-nos que a cena foi construída somente com o personagem Antônio. Além desse texto, temos o panfleto distribuído como propaganda da reapresentação da peça, que ocorreu no dia 22 de março de 1918, o livro de Antônio Guerra¹⁴ e as críticas-crônicas feitas pelos periódicos locais. Portanto, o entendimento do texto teatral será realizado a partir da justaposição de dispersos elementos, ou seja, este artigo passará em revista *O meu boi fugiu*.

A história da peça tem como fio condutor a busca pelo personagem Antônio, um caipira, ao seu boi Jasmin, que lhe fora roubado. A fada Vênus, com seu poder, chama o cometa Haley para conduzir Antônio até às terras de São João del-Rei, local para onde fugiu o ladrão.

**VENUS – Pois senhor Antônio, vae seguir viagem
imediatamente, em busca do seu boi!**

¹² A peça teve seis apresentações – 18 e 22 de março; 12 e 20 de abril; 29 de maio; e 7 de junho de 1918.

¹³ O Dr. Ribeiro da Silva foi presidente do Club Teatral Arthur Azevedo no ano de 1918 (ROCHA JÚNIOR, 2002, p. 265), e colaborador do Minas-Jornal a partir de 1º de maio do mesmo ano (CINTRA, 1982, p. 202).

¹⁴ O livro de Antônio Guerra tem formatação semelhante a jornal. A página é dividida em duas colunas de 20,8x6,3cm, perfazendo um total de área de 272,48cm/col. por página. O total do livro é 86.462,85cm/col., e as informações sobre a peça correspondem a 0,35% do livro.

ANTÔNIO – ... lugar
VENUS – Em S. João
ANTÔNIO – ... El Rey
VENUS – Sim, quem roubou para lá fugiu
ANTÔNIO – ... inte la
VENUS – Irás com a lua cheia!
ANTÔNIO – ... a lua
VENUS – Sim! Que a lua te conduzirá, até ao alto
de uma serra e...
ANTÔNIO – ... comigo
VÊNUS – Queres ou não encontrar o teu boi
ANTÔNIO - ... dentro
VÊNUS – Irás por fora
ANTÔNIO - ... como
VENUS – com o auxilio do meu poder
ANTÔNIO – ... tanto pode
VENUS – Eu sou a fada, estrela Vênus!
ANTÔNIO – ... obrigado
VENUS – Vou mandar chamar o cometa Haley para
conduzir-te a lua. (SILVA; GAMBÔA, 1918, n.p.)

De acordo com o panfleto, a peça contava com um prólogo, representado em uma fazenda, com a apoteose “Reino das Estrelas” e dois atos. O primeiro ato, ambientado na Avenida Carneiro Felipe, teve a “Feérica apoteose!”, “Carnaval no salão da primavera”. Já o segundo, aconteceu na Estação e o seu segundo quadro era “Jerusalém libertada” e “a grande apoteose” apresentava o “Salão dos tropheos”.

Theatro Municipal
 Empresa—FALEIRO & COMP.

Sexta-feira, 22 de Março de 1918

GRANDE SUCESSO

Extrato de Revista: lida em 1 prologo, 2 apothecose, 2 quadros e 2 actos, original do Dr. Ribeiro da Silva e Oscar Gambôa.

O MEU BOI FUGIU

Música de diversos autores e de Oscar Gambôa.

O TANGO do Adolfo foi grandemente recebido e offerece pelo distincto maestro Carlos Carne

Securitas ropas e deslumbrações de Inozas Moreira, Ernesto de Oliveira e Oscar Gambôa

DESCRIÇÃO

PROLOGO — Uma fazenda
Deslumbração apothecose! Reino das Estrelas

1º ACTO — Avenida Carneiro Fajipe
 Favela apothecose! Carnaval no meio da primavera

2º ACTO — Estação

2º quadro — JERUZALEM LIBERTADA
 Grande apothecose — Salão dos Tropheos

DISTRIBUIÇÃO

<p>THEO DEBORDI — Actor principal</p> <p>MAGALHÃO — Barbaço, Angico</p> <p>CONCEIÇÃO FERRETEL — Música</p> <p>CONCEIÇÃO FERRETEL — Fala</p> <p>ARTHUR, CARVALHO, AGUIAR, BARRAL, NUNES e FALCÃO</p> <p>MARGARIDA FERRETEL — Música, Gema, Mado, Si, Karolita de Ca, vedete e Fajipe</p> <p>ALCIBIA FARIAS — Música, Gema, Si, Mado, e Tullio — Si, 1º e 2º</p> <p>LEILIA GOMES — Música, Lige, Si, Balovina, Mado e Inglaterra</p> <p>EVARA FARIAS — Música, Fala, Si, Balovina, Mado e Si, 1º</p> <p>ECILLA FERRETEL — Música, Fala, "A Noiz" e Coimbra</p> <p>FLORDES FARIAS — Música, Fala, Si, Fajipe e Coimbra</p> <p>MELISSA FERRETEL — Música, Coimbra e Capote</p>	<p>MARCOZINHA DA SILVA — Comediantes e Si, 1º</p> <p>BERNARDINO ALVES — Música</p> <p>MAIA RIBEIRO — Favela de Haimolito e Portugal</p> <p>JEMINHE TORRES — Comediantes e Si, 1º</p> <p>ORFÈDES FARIAS — Comediantes, Favela, Mado e Si, 1º</p> <p>LULU — Favela e Si, 1º</p> <p>SODRAXOSO — Favela de Si, 1º</p> <p>TOMÁS RIBEIRO — Favela e Si, 1º</p> <p>DONATUS MATEUS — Comediantes, Mado e Si, 1º</p> <p>RONALDO FERRETEL — Comediantes e Si, 1º</p> <p>ROSE FERRETEL — Comediantes</p> <p>EUBICO FERRETEL — Favela de Si, 1º</p>
--	---

2º trimestre de musica, musicadas pelo celebre compositor Sr. BALBUENA BASTIÃO

A's 8 e meia horas em ponto

PREÇOS: Camarote 78000
 Galerias 15200
 Gornas 5000

Grande orquestra sob a regencia do distincto maestro TARGINO DA MATTA

NOTA: As localidades de bilhetes são vendidas até as 14 horas em Coimbra, Lisboa

FIGURA 1 – Panfleto da peça *O meu boi fugiu*
 Fonte: Arquivo “Antônio Guerra” (UFSJ), Álbum (s.n.), 52,5X19cm., 1918. Foto Ronald de Araújo. Acervo Cláudio Guillarduci.

O panfleto da peça são-joanense parece contrariar o que Neyde Veneziano (1991, p. 110) afirma: “quando a revista passou a dois atos, a primeira apoteose continuou sendo a mais grandiosa. Aliás, o primeiro ato era o mais importante. O segundo vinha como um complemento, mais breve, mais ligeiro”. O que observamos no panfleto a partir dos tipos e dos tamanhos das letras que anunciam cada ato, cada apoteose e o segundo quadro do segundo ato – a peça tem ao todo oito quadros e somente um foi anunciado – é que a disposição das unidades de informação do texto atribui um grau de realce muito maior para o segundo ato. Para a autora, no livro *Não adianta chorar* (1996), o formato das revistas nos anos 20 teve a sua estrutura modificada. A peça *O meu boi fugiu* parece se aproximar desse modelo.

Finalizando os atos, sempre em número de dois, uma apoteose na qual, como no Prólogo, participava toda a companhia. A apoteose do segundo ato poderia ser mais rápida, porém mais ufanista e significativa do que a do primeiro, incitando os espectadores aos aplausos a cada aparição de mais um artista da constelação revisteira. (VENEZIANO, 1996, p. 91-92)

O próprio adjetivo atribuído a cada apoteose também nos leva a crer que a do segundo ato é a mais importante. A do Prólogo é anunciada como uma “deslumbrante apoteose!”, ou seja, é esplêndida, maravilhosa, ofuscante e, com certeza, acontecia em algum mundo extraterrestre, como era de costume nas revistas desde Arthur Azevedo. Provavelmente, essa apoteose teve um efeito feérico. Talvez o personagem Antônio saísse voando até as terras de São João del-Rei para encontrar o seu boi. Já a do primeiro ato é realmente denominada, no panfleto, de “Feérica”, tendo um sentido de ser mágica. O segundo ato apresenta uma “grande apoteose”, ou seja, magnífica, soberba, com dimensões consideráveis.

No panfleto, a apoteose do segundo ato é anunciada com letras grandes, maiores que as das duas outras. Nesse ato, temos o único quadro que foi anunciado no panfleto: “Jerusalém Libertada”. Esse destaque pode estar relacionado com a importância do texto e/ou dos efeitos cênicos. O livro de Antônio Guerra ([19-?], p. 152-153), traz, inclusive, a poesia

“Jerusalém Libertada”, recitada pela atriz Alcídia Parizzi, representando a colônia Síria de São João del-Rei. Mas, o que importa, nesse momento, é que a revista foi propagada também a partir desse quadro. Levando-se em consideração que ela foi publicada no livro de Guerra, tudo leva a crer que o segundo ato tinha uma importância maior em relação ao primeiro.

Ao personagem Bêlgica coube a apoteose final, e o seu texto fala sobre os males da guerra e, provavelmente, trouxe à cena discussões relacionadas aos conflitos entre as nações, pois, como podemos observar na lista de países-personagens apresentada no panfleto – o número total de personagens é 65 e o número de países 9 –, temos a presença da Sérvia e da própria Bêlgica. A fala deste último país – um dos textos encontrados até a presente data – tenta demonstrar os males da guerra e, ao mesmo tempo, a partir de um sentimento de unfanismo, comentar a participação do “Brasil-nação” nos conflitos.

Cinge-me a fonte, a coroa augusta do martyrio. Por que me recusei a aviltar a minha dignidade, por que não accedi a proposta infame que me foi feita, para uma transação que seria a vergonha eterna á fase da humanidade, incendiadas as minhas cidades, destruídos os meus templos de arte e instrucção, deportado para longe a maior parte do meu povo. Profanas das minhas filhas, mutiladas até as creancinhas das localidades por onde passavam as tropas invasoras. Consola-me de tudo isso, o vosso apoio que é para mim um padrão de glórias, e o protesto que fazei-vos todos para que eu seja vingada, para que eu seja redimida e volte indemnisada e engrandecida ao convívio das nações, para trabalharmos todos pela ordem e pelo progresso.

(PAUSA – OUTRO TOM) E por falar em ordem e progresso, que é dos mais recente dos nossos aliados, que é o Brasil, cuja adesão a nossa causa actuou no meu coração como balsamo dulcíssimo, mitigando-lhe as dores, suavizando-lhe o penar, despertando-lhe as fagueiras e rizonhas esperanças. (SILVA; GAMBÔA, 1918, n.p.)

A peça teve músicas de diversos autores e de Oscar Gambôa – o “tango do Athletic foi gentilmente composto e offerecido pelo maestro Carlos Cirne” – os cenários de Izaias Moreira, Oscar Gambôa e Ernesto de Oliveira. Além de todas as funções exercidas por Oscar Gambôa, ele ainda representou o papel do caipira Antônio. A imprensa local foi representada pelo personagem Vendedor de Jornais e pelos periódicos *A Nota*,

Reforma, A Tribuna e Acção Social.

4 As crônicas-críticas dos jornais *Reforma e A Nota*

Para demonstrar a importância da atividade teatral para a cidade de São João del-Rei e, com isso, entender, com maior clareza, as relações estabelecidas entre as instituições representadas nas peças teatrais e os grupos amadores, e como a sociedade se comportava em relação a essa arte e aos grupos amadores locais, transcrevemos uma matéria veiculada na primeira página do jornal *A Tribuna* do dia 7 de abril de 1918.

Na terça feira ultima foram alvo de grandes homenagens as senhoritas Conceição Pimentel e Alccidia Parizzi, que na magnífica revista “meu boi fugiu” representaram respectivamente o Athletic Club e o Minas Football Club.¹⁵ Essas duas sociedades sportivas escolheram esse dia para realizarem entusiasticas manifestações de agrado áquellas gentis senhoritas, que com tanta galhardia os representaram. Offereceram-lhe flores, ricos mimos: tendo o sympathico Athletic offerecido também a Mlle. Conceição um lindo anel, e sendo a sua manifestação acompanhada pela “Philarmonica Augusto Theodoro”. Houve discursos, musica, dansas e muito entusiasmo. (A Tribuna, 1918, p.1)

A arte teatral, com seus clubes e seus respectivos amadores, era capaz de mobilizar outras artes ou artistas e construir outros eventos e fatos sociais na cidade. Portanto, o episódio entre os jornais *A Nota* e *Reforma*, que é, neste momento, o objeto de nossa análise, não pode ser visto apenas como uma simples intriga entre dois jornais, mas sim como um fato social capaz de repercutir na cidade como um todo, construindo, inclusive, determinadas relações sociais. Nesse caso, as relações sociais serão motivadas pela defesa de valores, conservadores ou não, políticos e ideológicos.

Para entendermos o episódio e a importância das informações jornalísticas, faremos, primeiramente, uma análise quantitativa da estrutura dos jornais.

¹⁵ Conceição Pimentel também representou neste espetáculo os seguintes personagens: Fada, Confeitaria, o jornal *Acção Social* e França. Já Alcídia Parizzi teve sob sua responsabilidade os personagens: Estrella, Aurora, Syria, Moda, *A Tribuna*, Minas e Itália. (Cf. Panfleto, 1918).

O primeiro artigo foi veiculado no jornal *Reforma*, no dia 28 de março de 1918, na coluna “Theatro” com o título “Meu boi fugiu”. Esse artigo ocupou percentualmente uma área impressa de 6,87% do jornal, da seguinte forma: primeira página, terceira, quarta, quinta e sexta colunas e na segunda página, a primeira coluna. A matéria publicada ocupou várias colunas, no entanto, o espaço impresso em cada uma delas é variável, como, por exemplo, a quinta e a sexta colunas da primeira página ocuparam 21,32cm/col. cada uma. Já a quarta coluna, um total de 200,72cm/col. O segundo artigo, publicado no jornal *A Nota*, no dia de 6 de abril de 1918, com o título “Inacreditável”, ocupou a primeira, a segunda e parte da terceira coluna da primeira página, num total de 11,69% de toda a área impressa do jornal. Já o terceiro artigo, do dia 9 de abril de 1918, do mesmo jornal, com o título “Inacreditável: a paródia daqui”, também saiu nas três primeiras colunas e teve um total de 14,10% da área total impressa.

Tabella de annuncios

3ª pagina em diante

	Anno	6 mezes	3 mezes	1 mez	1 vez
1 pag.	200\$000	120\$000	80\$000	40\$000	
2/3 <	140\$000	80\$000	60\$000	30\$000	
1/2 <	100\$000	60\$000	40\$000	25\$000	
1/4 <	60\$000	40\$000	30\$000	20\$000	10\$000
1/8 <	40\$000	25\$000	15\$000	8\$000	5\$000
1/16 <	25\$000	15\$000	10\$000	5\$000	3\$000
1/32 <	15\$000	10\$000	6\$000	2\$500	1\$500

Segunda pagina

1/32 <	25\$000	15\$000	10\$000	5\$000	3\$000
1/64 <	15\$000	10\$000	6\$000	2\$500	1\$500

Primeira pagina

1/32 <	40\$000	25\$000	15\$000	8\$000	5\$000
1/64 <	25\$000	15\$000	10\$000	5\$000	3\$000

APEDIDOS, 200 réis por linha. N'esta secção as publicações feitas por mais de uma vez, terão o desconto de 20 %.

FIGURA 2 – Tabela de anúncios

Fonte: Jornal *Ação Social* de 20 de janeiro de 1918 n. 149, ano III, p. 3, 11,5x11,1cm. Arquivo da Biblioteca Municipal de São João del-Rei. Foto de Ronald de Araújo. Acervo Cláudio Guilarduci.

As duas primeiras páginas nos jornais do período analisado eram, geralmente, reservadas para a veiculação de notícias com pequenos anúncios no tamanho 1/32 e 1/64 de página, no formato “tijolinho”. As duas últimas páginas traziam outra estrutura: eram espaços reservados para publicação de anúncios com as seguintes variações: página inteira, 2/3; 1/2; 1/4; 1/8; 1/16 e, por último, 1/32 de página. A tabela de preços (FIGURA 2) permite perceber a importância dada para cada uma das páginas do jornal. O espaço comprado para publicação de um determinado anúncio nem sempre era seguido à risca. É comum observarmos que as propagandas, de acordo com cada edição, podiam ser anunciadas em lugares e, até mesmo, em páginas diferentes, apesar de a venda do espaço estar condicionada a uma determinada página ou a um espaço da página.

Portanto, somando apenas a área impressa reservada para a publicação de notícias do jornal *A Nota* das duas edições, o espaço ocupado pelas matérias vinculadas à peça *O meu boi fugiu* e à polêmica, perfazem-se 25,79% do total do jornal. Acrescentando a esse valor a crítica realizada pelo jornal *Reforma*, o total ocupado nas três edições das matérias relacionadas à peça teatral tem-se um valor de 18,84% do espaço reservado para todas as notícias do município, da região, do Brasil e do mundo.

Após a análise estrutural dos jornais e das matérias veiculadas, analisaremos no momento a crítica teatral publicada no jornal *Reforma*¹⁶. A crítica começa relatando sobre o público, não exatamente como este recebeu o espetáculo, mas sim, como se comportou antes de começar a peça. Pode-se, inclusive, observar que algumas atitudes do público eram comuns nos teatros da cidade. E, provavelmente, o chefe de polícia era chamado com frequência para organizá-lo. Aqui, o crítico tem claramente uma postura disciplinadora, antes mesmo, de qualquer menção estética do espetáculo: “theatro literalmente cheio, mesmo no corredor central muitas cadeiras, mas não impedindo desta vez completamente o trânsito, ocupadas por pessoas conhecidas que

¹⁶ Todas as citações do jornal *Reforma* foram retiradas da crítica teatral *Meu boi fugiu*, do dia 28 de março de 1918 (REFORMA, 1918, n. 11, ano 5, p. 1-2).

não quiseram atender ao pedido da Empresa¹⁷, nem ao delegado de polícia nem ao nosso Paciência” (REFORMA, 1918, p. 1).

Após a declaração sobre a plateia o autor da crítica, talvez para construir um poder ao seu discurso, particulariza sua ida ao espetáculo dizendo que havia um lugar específico para ele, cedido gentilmente pela empresa responsável pelo teatro, para que pudesse, posteriormente, veicular no jornal suas opiniões. Portanto, o crítico não é um espectador comum no meio da plateia.

Antes de começar o espetáculo, o ator Machado foi até a ribalta, vestido rigorosamente de casaca, para informar à plateia “que os autores da revista visaram unicamente proporcionar-lhes algumas horas de riso, não tido a mínima intenção de ferir quem quer que seja na crítica que elles procuraram fazer innocentes” (REFORMA, 1918, p.1). Esse fato relata, de certa forma, que mesmo havendo algumas críticas sobre a cidade, as pessoas, os estabelecimentos comerciais, era importante que o público percebesse o espetáculo muito mais como uma simples sátira da realidade próxima do que um mecanismo representacional para fins didáticos e/ou moralizantes.

A primeira parte da crítica, especificamente sobre o espetáculo, refere-se ao prólogo, e diz o crítico que a partir dele já era possível prever todo o sucesso da peça. Para essa previsão e entendimento de todo o espetáculo, utiliza como critério de análise estética a individualização dos atores e dos responsáveis pelo espetáculo. Os elogios do prólogo são feitos ao coro das *Estrellas* e à valsa cantada pela senhorita Margarida Pimentel.

Os critérios adotados para a crítica são revelados a partir de um jogo entre o texto teatral e a *performance* dos atores que se destacaram dentro da companhia. Os elogios são personalizados e o parâmetro estético se fundamenta a partir da ideia de talento, numa visão romântica de dom genial. “E, diante de talentos então tidos como indiscutíveis, calavam-se algumas das normas da crítica” (SUSSEKIND, 1993, p. 69).

A parte literária é muito boa e nem podia ser de outro modo, dados os talentos do seu autor, o Dr. Ribeiro da Silva. A parte confiada a Oscar Gambôa, teve um êxito completo, destacando-se o modo feliz como elle soube

¹⁷ A responsabilidade pelo teatro nesse período era da empresa Faleiro e Cia.

evitar as arestas em representações da ordem destas quando, como agora, o seu desempenho foi confiado a amadoras, moças das melhores famílias da nossa sociedade. (...) O desempenho foi perfeito estando todos bem ensaiados e senhores dos seus papeis que sabiam dizer sem o auxilio do ponto e, conseqüentemente sem os *caroços*, tão desagradáveis. Uma pequena excepção na parte Commercio cujo encarregado teve um enorme *caroço*, mas que não destruiu a verdade do que elle no momento proclamava – a proverbial probidade do commercio de S.João d’El-Rei. (REFORMA, 1918, p. 1)

Mesmo personalizando uma crítica de desempenho ruim, existe uma tentativa de poupar tal desempenho, mostrando que o problema não foi capaz de interferir na peça como um todo¹⁸.

Outro problema apontado pelo crítico se refere ao quadro final, mas em nenhum momento o seu texto penaliza o espetáculo. Dessa vez, a culpa recai sobre os aparelhos musicais. A crítica utiliza como forma de isenção do autor, um pedido feito em nome do público.

O quadro final, embora todo elle de um pendor que emparou-lhe o brilho, foi de bello efeito e ahi revelou-se o melhor talento do autor da peça da parte literária, accentuando na parte de “Jerusalém libertada”, á qual, infelizmente, as notas de pianno de theatro, verdadeira *mourimba* prejudicaram, levando-nos a pedir que, para as outras vezes, na impossibilidade de uma surdina de orchestra, convenientemente executada, façam-se os recitativos do terceiro acto (sic) a *secco*, poupando aos ouvidos do publico o suplicio daquelle piano infernal. (REFORMA, 1918, p. 1)

Diante dessa crítica contundente, o autor continua: “[...] para não fugirmos à franqueza que reputamos de nosso dever, registramos um senão que notamos”. Portanto, a polêmica que será construída em seu artigo deve ser entendida a partir da função que o crítico ocupa.

Os críticos, uma vez dominando os códigos, encontrarse-iam num estágio superior, e o que conferiria *status* a esses críticos seria a autoridade que eles trazem consigo, pelo fato de serem figuras de relevância intelectual, abalizadas para falarem de determinados assuntos, e que têm a sua autoridade legitimada a cada nova crítica através de processos que depuram cada vez mais seus discursos. (PEREIRA, 2002, p. 15)

¹⁸ A crítica jornalística não traz o nome do ator que representou o papel do Commercio. De acordo com o panfleto da peça, esse personagem ficou a cargo do ator Marques da Silva.

Nesse momento, o autor da crítica busca sua legitimidade nos tão difundidos traços de objetividade e neutralidade que o jornalismo moderno defende. É dessa forma que em sua crítica começa a inter-relação entre o espetáculo e algumas cenas do cotidiano.

A primeira scena da revista, passa-se na rua Hermílio Alves em frente a um estabelecimento commercial reproduzido no panno de fundo. Não tem vida nem athrativos. O prédio escolhido *não tem linhas de arte* que recomendem ao menos para mostrar as modernas construcções de S.João d'El-Rei e a parte da Avenida que lhe fica em frente não póde, em verdade, prestar-lhe a reuniões. Ahi so há fama no centro da rua, produsida pela irrigação de um esguicho particular da casa que não adopta a caridade de attender á conveniência dos transeuntes, dando-lhes fama e águas servidas no meio da rua, trilhos no passeio no sentido transversal, e destinados ao serviço de wagonetes da casa. (REFORMA, 1918, p. 2, grifo nosso)

O crítico aproveita um determinado episódio da vida cotidiana para dizer que o pano de fundo utilizado na primeira cena da peça retrata uma determinada casa comercial da cidade que não tem nenhum atrativo arquitetônico que mereça o destaque de estar em uma peça de teatro de revista. A partir daí, a crítica utiliza uma forma ficcionalizada, narrando uma possível cena teatral, no lugar de simplesmente continuar com a argumentação que justifique esteticamente o seu posicionamento contrário à utilização desse pano de fundo.

Talvez que este facto podesse ser aproveitado para movimentar a scena; bastava que um personagem figurando de agente executivo, atravessasse a scena e que nesse acto um serviçal qualquer, com um esguicho lhe applicasse uma ducha, surgindo então o que seria de effeito, os fiscaes, tanto o geral, como os especiais, em soccorro do Agente executivo e, levarem aquelles na carreira, um trambolhão ao tropeçar no *adorável* transway. Alem do effeito scenico, quem sabe se produsiria o optimo e desejado resultado de cohibir os abusos e vexames a cima apontados? (REFORMA, 1918, p. 2)

No início da crítica, o autor faz questão de mencionar as palavras do ator Machado, frisando que o espetáculo tem como função fazer a plateia rir, passando momentos agradáveis no teatro. No entanto, a cena construída pelo crítico, que é também uma cena cômica, acaba por ter outra função. O riso,

nesse momento, passaria a exercer o papel de exagerar determinados aspectos da realidade empírica cotidiana para transformá-la. É possível, talvez, afirmar que a cena construída pelo crítico tem uma função pedagógica.

Passados dez dias da veiculação da crítica *Meu boi fugiu* no jornal *Reforma*, o diário vespertino *A Nota*, reproduziu um artigo publicado no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro. O início da crônica explica os motivos da reprodução. “Por que tem applicação a muitos factos que se passam nesta cidade, recortamos do «O Paiz» – com a devida vênia, o «eco» que, em sua edição de 4, inseriu com a epígrafe supra” (A NOTA, 1918, p. 1, [290]).

Em *O Paiz*, a crônica relata que determinadas matérias jornalísticas parecem não levar em conta a situação de guerra e de estado de sítio que o Brasil vive. E, para exemplificar, cita uma matéria veiculada no “jornaleco” *Epoca Theatral* com o título “Pelo teatro brasileiro”, que, a pretexto de falar sobre esta arte “insiste na desmoralisadissima obra de crear indisposições entre portugueses e brasileiros no Rio de Janeiro” (A NOTA, 1918, p. 1, [290]).

Essa asserção do “O Paiz” é uma das verdades mais puras do que se vai passando não só na capital da Republica como em muitos outros pontos do território nacional. Aqui por exemplo, tantos são os factos occorridos, de lesa-patriotismo e até de criminosos, que a gente chega a impressão, não de que “não estamos em estado de guerra”, mas, de que estamos nesse estado ao lado da Allemanha; e se nos propussemos a relatar um a um os “casos” que por cá se tem passado e que se reproduzem ameudadamente, seria um nunca acabar. (A NOTA, 1918, p. 1, [292])

O jornal *A Nota* aproveita a matéria de *O Paiz* – que relata fatos ocorridos no Rio de Janeiro e, mais especificamente, sobre o jornal *Epoca Theatral* – para enquadrar o jornal *Reforma* e a sua crítica feita a *O meu boi fugiu*. *A Nota* tenta transformar o jornal são-joanense na mesma imagem do objeto criticado no Rio de Janeiro.

Dessa forma, o jornal utiliza a fala de outro personagem para dar validade a todo o seu pensamento e, com isso, constrói por uma via indireta uma verdade ideológica que ele pretende

defender. Na reprodução do artigo carioca, temos a seguinte passagem: “Existe um jornaleco «Epoca Theatral», que [...] a pretexto de teatro, no mais deplorável dos estylos estendem-se varias collunas de nacionalismo de fancaria, recheiadas de torpezas e perfidias que, de certo, não vale a pena reproduzir.” (A NOTA, 1918, p. 1, [290]).

Já a paródia são-joanense, adequando-se à matéria carioca, também qualifica o jornal *Reforma*:

Aqui existe também um ‘jornaleco’, impropriamente intitulado – *reforma* – em vez de *retrograda* – que bem lhe cabia, que a pretexto de tudo, se estende em columnas e columnas não só de um nacionalismo *punga* e de fancaria como de um nativismo cretino e ao mesmo tempo perverso e irritante, recheiadas também de torpezas e perfidias que não vale a pena aludir [...] que a pretexto de chronica theatral e mettendo-se a fazer critica de uma revista local intitulada “MEU BOI FUGIU”, insiste na desmoralizadissima missão de intrigar e provocar rixas e indisposições não só entre os brasileiros e estrangeiros das nações alliadas, como ainda entre os próprios nacionaes – procurando levantar obices ao progresso e á boa ordem administrativa, por meio das mais reles intrigas e invencionices idiotas, porem torpes e insidiosas. (A NOTA, 1918, p. 1, [292])

O *A Nota*, utilizando-se de inúmeros adjetivos, tenta construir uma imagem do jornal *Reforma*, dando-lhe um determinado estilo. A imagem passada para o leitor é de um jornaleco retrógrado com estilo detestável e que possui intenções que muitas vezes o leitor não é capaz de compreender. Cabe, portanto, a esse jornal a tarefa de esclarecer os fatos ao público. Nesse sentido, a informação jornalística é dada ao leitor a partir do momento em que o crítico afirma que há algum tempo o jornal criticado estava do lado da administração pública. Essa informação tenta suprir a falta de memória do leitor sobre os assuntos tratados nesse veículo de massa e também indica que nessa época, talvez, não se fizesse comparação entre as notícias veiculadas num mesmo noticioso ou entre os diferentes jornais locais.

No seu estylo detestável, numa mixórdia pouco compreensível para aquelles que lhe não conhecerem as capciosas e pharisaicas intenções a “Reforma”

daqui, como a “Época Theatral” do Rio, embrulha na sua chronica theatral, uma descompostura estulta, porém calunniosamente urdida, á casa commercial inglesa Hopikins, Cause & Hopkins, que chama de edificio sem “linhas de arte”, chegando quasi ao classificar de “pardieiro”, esquecendo-se dos elogios que o teceu a poucos annos atraz; e logo, dando um salto mortal para alcançar a administração municipal, converte a rua Hermilio Alves em pantano e charco pestilencial, idealizando ainda os trilhos e “wagonetes” dos ingleses para atropelar o agente executivo – de quem não perde occasião de se fingir amigo, mas de quem o rancor mal contido transparece a todo o momento, mesmo nos actos da sua acanalhada bajulação judaica. Nesse dispresivel artigo de chronica theatral o que transparece claro é a réles intriga dos prussianos, que tem por fim o plano idiota ou insano, porem infernal de criar animosidade contra os filhos dos paizes alliados, maximé contra os ingléses – a quem não perdoam o atrevimento de se terem posto ao lado dos franceses. (A NOTA, 1918, p. 1, [292])

Outro detalhe importante é que essa crítica consegue construir um discurso a partir do espaço local – a cidade de São João del-Rei –, passando a afirmar determinadas posições político-ideológicas de âmbito mundial que o jornal *Reforma* adota semelhantemente ao jornal *Epoca Theatral*.

No desprezível artigo da «Epoca Theatral» essa réles intriga allemã é por demais patente. São os allemães os primeiros estrangeiros a que nesse artigo alude, mas sem qualquer referencia desagradável, está claro. E, se nos permitam o expressivo termo da gíria carioca uma «tapeação» muito ordinária... (A NOTA, 1918, p. 1, [290])

Em *O Paiz*, tem uma acusação ao diretor do jornal *Epoca Teatral*, dizendo ser ele o presidente da Liga Pró-Germania e um agente agitador alemão “que quando entramos em guerra, diante das legitimas explosões da cólera popular contra os insultos teutonicos, julgou prudente recolher-se aos bastidores...” (A NOTA, 1918, p. 1, [290]).

Como, no dizer do «O Paiz», o degenerado director da «Epoca Theatral» também o da «Reforma» continua aqui ostensivamente nas suas indecorosas manobras a soldo da allemanha como agente agitador e presidente que foi, da tal Liga, não achando quem lhe ponha embaraço ás tendenciosas e malvadas intenções, quando todos os factos comprovam que estes germanophilos agiram e agem sempre obedecendo a um único plano,

executando um so programa organizado, por certo em Berlim. (A NOTA, 1918, p. 1, [292])

A casa comercial citada pela crítica do jornal *Reforma* é a casa *Hopkins Causer e Hopkins*. Essa casa era o principal anunciante do jornal *A Nota*. Seu espaço publicitário ocupava toda a quarta página. Tudo indica que a postura do jornal em torno de seu discurso político-ideológico também era construída pelo econômico. O prédio citado pelo *Reforma* como não tendo uma linha de arte representativa da arquitetura moderna da cidade é, na realidade, uma construção do ano de 1916, ou seja, sua construção antecede à polêmica dois anos.

A casa inglesa com matriz em Birmingham na Inglaterra, e filiais em Liverpool e Rio de Janeiro, localizada inicialmente à rua Moreira César, esteve depois na rua Paulo Freitas [...] e a partir de 1916 adquiriu terreno e construiu sua sede ao lado do Teatro Municipal [...]; além de outros artigos para lavoura, vendia as famosas desnatadeiras Alfa Laval. Pode-se ainda admirar o artístico trabalho, em ferro, que garante a parte superior de suas cinco portas, sobressaindo-se a do centro com vários emblemas, destacando-se ao alto do frontispício uma polia alada. Por razões de queda nas vendas a filial [...] são-joanense encerrou suas atividades comerciais em 1930. (GAIO SOBRINHO, 1997, p. 56)

Apesar das qualificações exaustivamente construídas pelo *A Nota* por meio de inúmeras adjetivações, temos que levar em consideração que para toda matéria jornalística existe um narrador que pode estar, ou não, encoberto pelos personagens presentes na trama. Além disso, nos dois jornais, as matérias não são assinadas. E, nesse caso específico, na história contada no jornal *A Nota*, a legitimação de poder é dada pelo noticioso do Rio de Janeiro. São João del-Rei tem uma relação estreita com a capital da República. Nos jornais locais, é comum observarmos matérias jornalísticas sobre a cidade carioca, compilação de artigos, notícias de pessoas que vão viajar para a capital ou que de lá estão chegando e, até mesmo, propagandas de estabelecimentos comerciais cariocas, inclusive de colégios.

As notícias aqui analisadas foram publicadas durante a Primeira Guerra Mundial e, nesse período, como em qualquer outro, em que a crise social é iminente, o discurso elaborado a

partir de representações simbólicas, é capaz de significar determinados sentimentos e formas de agir, construindo um cenário em que autores e leitores compartilham pensamentos e ações em torno de uma idealização da própria sociedade. Nesse período específico, existe um discurso político-ideológico comum sobre a nação brasileira, sobre o brasileiro, sobre as nações aliadas e do outro lado, existe a figura do mal, encarnada nos países inimigos e naqueles que carregam suas respectivas nacionalidades.

A apropriação de usos e de interpretações, que aqui podem ser observadas, além de indicar a existência de determinadas práticas culturais, evidencia que no jogo das lutas sociais é necessário fazer uma distinção entre as estratégias e as táticas na produção de sentido no cotidiano. As estratégias são os mecanismos de dominação produtores de normas, modelos e objetos elaborados com o intuito de se tornarem aceitáveis pelos próprios dominados. Já as táticas, também produtoras de sentido, na realidade, distanciam das significações visadas pelos seus produtores, pois elas se manifestam não através de seus próprios produtos, mas nos modos de usar os produtos impostos pela ordem dominante (CHARTIER, 1995, p. 186).

Nesse sentido, o resultado de um texto, ou melhor, o processo de comunicação, só existe a partir da dupla autoral – autor e leitor. O público tem um papel importantíssimo nessa construção porque toda leitura requer uma hierarquização de conteúdos. “Reconhece-se, cada vez mais, que apesar de ‘leituras preferenciais’ construídas no texto, o público pode decodificar a mensagem de forma negociada ou mesmo de forma oposta. Enfatiza-se, pois, o poder da audiência em produzir significados” (BARBOSA, 2000, n.p.). Portanto, a leitura é um ato ativo de construção, de mudança, de reforço ou de negação dos discursos presentes em um texto. O cronista do jornal *A Nota* foi um leitor ativo e “especial” da crônica carioca, fazendo citações diretas e indiretas a partir da construção de significados para enquadrar o jornal são-joanense opositor.

A partir do dia 9 de abril de 1918, dia que foi publicada a última matéria da polêmica criada pelo jornal *A Nota*, não foram

encontrados artigos que tratassem do assunto. No jornal *Reforma*, as suas edições seguintes não têm matérias relacionadas ao teatro ou à crítica teatral, muito menos aos assuntos publicados no jornal *A Nota*. Outro fato importante que devemos considerar é que no dia em que foi publicada a matéria no jornal *A Nota* – 9 de abril de 1918 – o jornal cessou a sua publicação. Tudo indica que talvez o periódico propositadamente quisesse construir o seu último fato social. Ou seja, o jornal *A Nota* apresentou a sua apoteose final em grande estilo. O periódico buscou assim, como nas revistas, um *grand finale*. E, se verdade for essa afirmativa, podemos concluir que o teatro na cidade de São João del-Rei tinha uma importância no meio social, pois, além de servir como elemento de distinção social – era realizado pela elite são-joanense – apesar de ser um gênero cômico, também fomentava o jornal, outro produto da cultura de massa.

O Teatro de Revista e os jornais locais funcionavam como veículos de exposição de pessoas importantes da cidade, dos estabelecimentos comerciais, ou seja, tanto um quanto o outro acabava por fazer uma propaganda da e para a elite local. Basta observarmos que as pessoas envolvidas com esse meio de comunicação são as responsáveis pelo desenvolvimento da cena teatral são-joanense.

Referências

ACÇÃO SOCIAL, São João del-Rei, 20 de jan. de 1918, n. 149, ano III.

A TRIBUNA, São João del-Rei, 7 de abr. de 1918, n. 197, ano IV.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Leitura de jornais no mundo*. 2005. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/183>>. Acesso em: 20 jun. 13.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. Recuperando um leitor do passado: apontamentos metodológicos. *Ciberlegenda*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, n. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/marial5.htm>>. Acesso em: 20 jun. 13.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA). *Dados macroeconômicos e regionais*. 2005. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 20 jun. 2013.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CLUBS e festas. *A Tribuna*, São João del-Rei, 15 de set. de 1915, n. 62, ano 2.

CORDEIRO, Rogério. Da crônica ao romance, do romance à crônica. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO,

2., 2004, Juiz de Fora. *Anais... Juiz de Fora*: [s.n.], 2004. 1 CD-Rom. p. 1.

GAIO SOBRINHO, Antônio. *História do comércio em São João del-Rei*. São João del-Rei: [s.n.], 1997.

GUERRA, Antônio. *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei – 1917 a 1967*. Juiz de Fora: Lar Católico, [19-?].

“INACREDITÁVEL”. *A Nota*, São João del-Rei, 6 de abr. de 1918, n. 290, ano I.

“INACREDITÁVEL: a paródia daqui”. *A Nota*, São João del-Rei, 9 de abr. de 1918, n. 292, ano I.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Arthur Azevedo e sua época*. Rio de Janeiro: Coleção Saraiva, 1962.

MIRANDA, Fernanda Vidal Cabral de. *Jornalismo e literatura: encontros e desencontros*. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 2., 2004, Juiz de Fora. *Anais... Juiz de Fora*: [s.n.], 2004. 1 CD-Rom. p. 4.

PANFLETO. *O meu boi fugiu*. Arquivo “Antônio Guerra” (GPAC/UFSJ). São João del-Rey: [s.n.], 1918.

PEREIRA, Aline Andrade. *A construção do teatro brasileiro moderno: A legitimação da crítica através de Vestido de noiva*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. *Anais... Salvador*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. 1 CD-Rom.

Meu boi fugiu. *Reforma*, São João del-Rei, 28 de mar. de 1918, n. 11, ano 5.

RIBEIRO, José Luiz. Medusa no espelho: reflexos da crítica. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, 2., 2004, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: [s.n.], 2004. 1 CD-Rom. p. 1.

ROCHA JÚNIOR, Alberto Ferreira da. *Teatro brasileiro de revista: de Artur Azevedo a São João del-Rei*. 2002, 321 f. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Ribeiro da; GAMBÔA, Oscar. *O meu boi fugiu*. São João del-Rei: [s.n.], 1918.

SUSSEKIND, Flora. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira da virada do século XIX. In: SUSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. p. 53-90.

VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revistas no Brasil: dramaturgia e convenções*. São Paulo: UNICAMP, 1991.

VENEZIANO, Neyde. *Não Adianta chorar: teatro de revista brasileiro...Oba!* São Paulo: UNICAMP, 1996.

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. 2.ed., Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1953.

O meu boi fugiu: the revue and chronicles in São João del-Rei

Abstract

This article aims to analyze the revue *O meu boi fugiu*, by Dr. Ribeiro da Silva and Oscar Gambôa, written and played in São João del-Rei, in 1918, as well as the articles published about the play in the local newspapers *A Nota* and *Reforma*. The understanding of the plot – as we only have the original text of the character Venus – is going to occur from collages of dispersed elements, it means that this article intends to review *O meu boi fugiu*. Concerning the newspapers, the analysis is going to be centered in the polemic critics published in the *Reforma* and the answers to them published in *A Nota*. In order to do so, we are going to explain the journalistic genres, chronicles and critics.

Keywords: São João del-Rei, revue, *O meu boi fugiu*, theatrical chronicles

Artigo recebido em: 25/07/2013

Aprovado para publicação em: 26/07/2013